

— De modo algum abusa, nem eu volto atraz do que disse. Estou às suas ordens. Eu vou a Madrid tratar de um negocio que me ha-de deixar livres muitas horas, porque as teem quasi todas captivas aquelles com quem devo resolvel-o. Que fortuna para mim, se poder empregar esse tempo em servir uma senhora e em contribuir para a felicidade de duas familias!

— Então, em chegando a Madrid, não se esquece de visitar-me?

— Immediatamente irei tomar as suas ordens.

N'este ponto, duas ou tres estações antes de S. Chidrian, entrou um viajante no wagon. Era um homem asseiado, que conhecia a marquezita, e que, segundo depois soube, pertencia a um tribunal de Castella. Ia para Madrid. Saudou a marqueza e a mim, por me ver conversar com ella. Como fallavamos em hespanhol conheceu logo que eu era portuguez, e quando soube que vivia em Pariz, e que vinha de França, perguntou-me pelas novidades ácerca da Italia. Contei-lhe da discussão do senado, que principiara na vespera da minha sahida.

Não lhe importou saber qual era a minha opinião a esse respeito, e em breves palavras disse-me que o mundo estava perdido, que os povos andaram doudos em 1848, e que n'esta quadra chegara aos reis a sua vez de loucura, mas com mescla de pouca vergonha. Segundo o parecer d'este digno filho de Themis, os povos em 1848 pediam para si, e os reis agora pedem contra si proprios!

—O que é incompreensível, accrescentou elle, é vêr os soberanos da Europa desampararem o rei de Napoles, os duques da Italia central e o papa. A que abatimento chegámos! A Hespanha soffre calada a deposição do duque de Parma, infante seu, e de Francisco II, chefe de um dos ramos da casa de Bourbon! Se tivéssemos um governo energico...

—Então queria guerrear com a França, com a Inglaterra e com a Italia?

—E porque não? Não seria a primeira vez. E se nós principiássemos, havíamos de ter alliados. E o papa? Já não ha catholicos! Eu tenho vergonha de viver no seculo XIX.

Calei-me, e elle ainda continuou a dizer que o negocio não parava ali, e que mais tarde ou mais cedo viria a invasão franceza como em 1807, mas que os hespanhoes ainda eram os heroes de Saragoça e de Bailen. Disse-lhe que me pareciam exagerados os receios de invasão, porque Napoleão III tinha juizo, e não lucrava em aggreidir a Hespanha, antes a desejaria para alliada. A França, sustentada pela Italia e pela Hespanha, não receiaria a influencia germanica ou russa.

—Sim, senhor, me respondeu, todos os que vivem em França andam fascinados pelo Poncio Pilatos das Tulherias. Nós não. Não me falle no juizo nem na moderação de Napoleão. São Robespierres corôados. Em Hespanha é execrado o imperador dos francezes. Só temos maior rancor aos inglezes.

— Mas, se detestam os francezes e os inglezes, e ainda por cima os italianos, parece-me que terão um soffrivel numero de adversarios.

— Não nos mettem medo. Eu já lh'o disse. Temos dinheiro, exercito e marinha; mas não temos governo que empregue esses meios no serviço de Deus e do direito. Os senhores lá em Portugal ainda peor com as suas liberdades.

— Ha-de perdoar-me; mas eu não sou do seu parecer. Nós sempre gostámos de ser livres. Livres somos hoje, e não temos motivo de queixa.

— E de que lhes serve a tal liberdade? De levarem desfeitas como a do *Charles et Georges*. Os senhores já sabem o bem que lhes querem os francezes, e para que presta a amisade ingleza.

— O *Charles et Georges* foi um triumpho. A França arrependeu-se, e o imperador declarou-o por escripto. Esta foi a grande victoria moral. O mais valeu pouco.

— A verdade é que, se Portugal estivesse hoje unido á Hespanha, não lhe haviam de ir fazer desfeitas no Tejo. Se os portuguezes acordarem em uma manhã com juizo, fuzilam meia duzia de inglezados, outra meia de afrancezados, e unem-se á Hespanha, como a Toscana e Modena se uniram ao Piemonte. Somos todos hespanhoes.

— Isso é verdade; tambem aos subditos de Francisco II diziam os piemontezes: «Somos todos italianos.»

— Mas esses não queriam a annexação.

— E nós tão pouco.

— Mas porque? Diga com franqueza.

— Pois eu lhe digo. Em primeiro lugar, porque estamos bem assim. Em segundo, porque nem somos capazes de pagar com ingratidão á nossa familia real, que nos trata bem, nem de expulsar a de Hespanha, de quem ajudámos a firmar o throno. Em terceiro, porque, onde os senhores fuzilam, nós amnistiamos. Em quarto, porque os hespanhoes não estão contentes com o seu governo, e nós estamos bem com o que temos. E em quinto, porque não queremos, que é a suprema razão dos povos.

— Sempre estes portuguezes, disse o magistrado voltando-se para a Marquezita, foram difficeis de contentar. Mas olhe, continuou elle para mim, que na ultima tentativa de D. Carlos os hespanhoes mostraram que não eram sanguinarios. Os principes não tiveram o menor encommo.

— Bem sei. É o principio velho e caduco de que se perdôa aos principes, e enforcam-se os cúmplices. Se isso acontecesse em Portugal, se o sr. D. Miguel fôsse lá tentar fortuna, encontrasse cúmplices no exercito liberal, e cahissem todos prisioneiros, o mais mediocre dos nossos homens de estado proporia ao rei a amnistia do principe, e a de todos os seus cúmplices.

— Pois os senhores não fuzilavam o Ortega?

— Não, senhor, visto que não fuzilavamos D. Carlos.

Degradariamos das honras militares o general traidor, e expulsal-o-hia-mos do reino. Esse seria maior castigo, porque levaria para toda a parte o ferrete de traidor e desleal, que são as maiores nodoas que podem cahir na farda de um soldado.

— Vejo que não nos entendemos.

— Ahi tem porque nos não unimos.

N'isto chegámos a S. Chiárian.

Agora está na meza a ceia na qual vejo figurar uma sopa de alho com pão e ovos. Não lhe resisto. Vou provar esta especialidade hespanhola. O vinho é branco, e dizem que muito palhete e secco. Ainda bem, que já estou cansado de vinhos adocicados.

Agora só de Madrid continuarei esta relação da minha viagem. Parece incrível. Faz calor como no mez de junho. Esta temperatura sem verdura, e sem uma só folha nas arvores, é dobradamente incommoda. Cuido que viajo no deserto. Se em Madrid vou encontrar o mesmo clima, vejo que acabou o inverno, e que começou o inferno, que, segundo o proverbio hespanhol, succede aos tres mezes da estação invernosa.

VIII

Em que se vê que, apesar do desconforto das diligencias, é possível chegar a Madrid, alojar-se commodamente, e repartir dos seus capitaes com os serenos — Varios portuguezes de cathogorias diversas — Mau cha, e mau azeite — O Val de Peñas, e o Xerez.

Madrid, 7 de março de 1861.

De Labajoz partimos para a capital das Hespanhas, de noite e sem luar. Se a estas duas circunstancias o leitor acrescentar que eu dormi, apenas a deligencia se pôz em movimento, ficará patente a razão que me impede de lhe dar a mais pequena noticia ácerca da paisagem, e da importancia das duas aldeias de Villacastim e Venta del Tojo. N'ellas se mudam as cinco parellhas de cavallos ou mullas, com que a deligencia passa o chamado porto de Guadarrama.

Em Guadarrama tomámos chocolate excellente, e bebemos a agua mais pura e saborosa que talvez haja na peninsula, sem offender a de Madrid, que é, na verdade, optima. Quem está acostumado á pes-

simas águas de Pariz, saborêa as de Hespanha e Portugal como se fossem licor primoroso. Sem embargo de estarmos ali em um dos pontos mais elevados da península, e de ser a serra de Guadarrama um deposito permanente de neve, o ar estava tepido como nas mais lindas noites de junho ou julho. A neve resplandecia nos cumes da montanha, que nos ficava proxima, mas parecia vista de theatro, obra dos nossos Rambois e Cinatti, ou de qualquer outro mestre de arte. Frio não havia.

Antes assim, porque o frio nas malla-postas ou nas diligencias hespanholas é insupportavel. Cada um d'esses vehiculos, além das portas e postigos que o fabricante lhe arranjou, e que não fecham hermeticamente, dá passagem livre ao ar por todas as juntas da madeira, atravez das quaes se póde conhecer quem passa. Nas occasiões de grande frio, o conductor procura resguardar da intemperie da estação os viajantes, e guarnece a diligencia com um espesso tapete de... palha triga, cortada como a que se deita nas mangedouras!

Esta especie de alcatifa é bem imaginada, porque, além de impedir a entrada do ar frio pelo lado dos pés, produz outras sensações que distrahem o viajante. A palha, cortada assim miudinha, introduz-se nos sapatos, pega-se á manta com que se cobrem os joelhos, e, em poucas horas, não ha parte do corpo em que se não sinta um pedacito de palha. Não careço dizer ao leitor quanto são agradaveis as coce-

gas que o viajante vai soffrendo, nem quantas vezes elle dá ao dêmo a deligencia, e o seu respeitavel maioral.

De Guadarrama partimos para *Galapajar*, mudámos ainda uma vez de mulas em *Las Rojas*, e entrámos em Madrid pelo postigo de S. Vicente, vendo logo deante de nós o magestoso palacio da rainha no alto da encosta que ali principia. Eram oito horas e meia da manhã. Um empregado da alfandega está esperando, a cavallo, as diligencias que entram em Madrid, e acompanha-as á estribeira até ao sitio onde páram. Ali se revistam de novo as bagagens que não vierem *chumbadas* de Irun.

É indispensavel pedir em Irun que atem as malas com uma corda, cujas pontas ficam prezas com o sello de chumbo da alfandega. Quem não faz assim, tem de soffrer nova revista em Miranda do Ebro, e outra em Madrid, o que é extremamente incommodo. Os empregados são bem criados e benevolentes, como os das alfandegas de quasi toda a Europa.

Á porta do escriptorio das diligencias vi-me cercado de criados de hospedarias, que me offereciam alojamento com tal persistencia e vivacidade, que não pareciam castelhanos. Eu tinha estado em 1854 na Biscainha, que é na *Calle Mayor*, na casa d'aquelle D. Santiago Alonso Cordero, que se sentava no congresso vestido de maeregato, e que esteve emigrado em Lisboa. Por isso dirigi-me para lá.

Na Biscainha não havia quartos senão no ultimo

andar que é o 5.º, e tive de ir procurar outra hospedaria. Disseram-me que estava ali um cavalheiro portuguez; perguntei quem era, mas ninguem lhe atinou com o nome, porque tinha chegado, havia poucos dias. Só me disseram que era barão. Ora, como a especie é numerosa em Portugal, fiquei na mesma. Depois é que soube que era o sr. barão de Santos.

Fui dali á *Fonda de los Embajadores*, que me inculcaram como excellente. Não havia um só quarto. Fiquei espantado, porque não suppunha que houvesse em Madrid uma tal affluencia de estrangeiros e de pessoas da provincia, que fosse difficil achar pousada. Quando depois fiz esta reflexão a um amigo meu hespanhol, disse-me elle que os caminhos de ferro, e as transacções e negocios que delles resultam, tinham augmentado consideravelmente o numero dos estrangeiros em Madrid.

Neste aperto valeu-me o homem que me seguia com a bagagem ás costas, convidando-me a ir para uma hospedaria na *Carrera de S. Geronymo n.º 7 y 9*. Fui, mas com pouca confiança. Eu estava tão cansado, que toda e qualquer casa me serviria. Pois o homem não me enganou. A casa é boa, a comida soffrivel e o preço rasoavel. Quarto e sala com bons moveis e tapete, e com janellas para a rua, que é a mais central e frequentada de Madrid, cincoenta reales ou dous duros e meio, incluindo a comida e as luzes.

Este preço é commodo em Madrid, onde tudo custa carissimo, e sempre em proporção com as pessoas, de modo que o mesmo objecto muda de valor, conforme a pessoa que o compra! Eu não conheço terra onde tudo seja tão caro para os estrangeiros. Paris é cidade económica em comparação com Madrid.

Logo que cheguei, mandei dar a ferro uma sobrecasaca, operação que em Paris custa dous ou tres francos. Aqui tive que pagar meio duro, e observei que a tinham passado a ferro sem a escovar. Como estava cheia de pó amarellado, ficou dourada, em vez de preta, e tive de a devolver ao alfaiate, que então se dignou fazer obra acabada.

Hontem de tarde fui procurar a marquezita, porém já tinha saído. Então é que me lembrei que das 4 ás 6 horas, todo Madrid anda na rua, e que só doença, ou morte, impede um hespanhal ou hespanhola de ir dar o seu passeio antes de jantar. Deixei o meu bilhete de visita, e, quando á noite vim jantar, já encontrei o do sr. D. Julio de Lovera, irmão da minha companheira de viagem. Esta rapidez em pagar uma visita é rara em Madrid, seja por indolencia natural, seja por exaggeração da dignidade castelhana.

A primeira visita que fiz, mesmo antes de ir á marquezita, foi á legação de Portugal, que desde longo tempo se conserva na *Calle Fuencarral* n.º 39. Para isso chamei da janella uma carroagem das que estacionam na bocca desta rua do lado da *Puerta*

del sol. Quando cheguei á nossa legação, quiz dar uma *peseta*, que é o preço de uma carreira, porém o cocheiro não esteve pelas minhas contas, e disse que do paradoro das carroagens até á minha porta (30 ou 40 passos), era uma carreira, e da minha porta á legação outra. Paguei duas *pesetas*, e admirei o rigor geométrico do cocheiro, e a policia da terra.

O nesso ministro, o sr. Soveral, recebeu-me muito bem, como costuma fazer a todos os portuguezes. Na secretaria vi o sr. D. Pedro da Costa, e o sr. Quilnam, um secretario e outro addido militar da nossa legação. Ambos eram meus conhecidos antigos, e, como bons compatriotas, me fizeram excellente acolhimento. Quando voltava para casa, encontrei o sr. conde e a sr.^a condessa de Penafiel, cuja chegada a Madrid eu ignorava, e na propria hospedaria, onde estou, descobri mais quatro portuguezes: o sr. Guilhermino Barros, governador civil de Bragança, um ecclesiastico de Villa-Real, o sr. Camillo de Macedo, da Regoa, e um filho seu. Nunca vi tanto portuguez em Madrid. Quantos não haverá, quando estiver feito o caminho de ferro?

Á noite fui ao theatro real ver *Il Ballo in maschera*, de Verdi. O theatro é sumptuoso, riquissimo e mui commodos os logares de platéa, para os quaes vão senhoras da melhor qualidade. Os camarotes são muito grandes, e todos teem salão. As cadeiras da platéa são de velludo, muito espaçosas, e collo-

cadras a distancia conveniente para que se possa atravessar sem incommodo. Não ha platéa inferior. Os logares que a substituem, são na ultima ordem.

Este theatro não tem rival entre os que conheço: é digno da nação hespanhola; os estrangeiros admiram-o, e com razão, principalmente os que estão habituados á mesquinhez dos theatros de Pariz, onde o espectador apenas tem onde se sentar.

A execução da opera de Verdi foi boa, talvez melhor que em Paris, e as vistas são de grande belleza e apparato. Nesse ponto, o theatro Ventadour deve ceder a palma ao do Oriente, onde os hespanhoes teriam para o anno que vem M.^{me} Penco, se ella lhes não pedisse cento e tantos mil francos, e se elles não entendessem que fôra tolice dar-lhe semelhante somma. Decididamente, para os interesses materiaes, vale mais ser tenor ou soprano que ministro ou marechal.

Na volta do theatro, onde o barão de Hortega tem um dos melhores camarotes, fui dar entrada no *Casino del Principe*, que é o Gremio de Madrid. Eu já tinha sido apresentado em 1854, mas achei a casa muito melhorada. No *Casino* ha todos os periodicos hespanhoes e estrangeiros, excepto portuguezes, bilhares e tudo o mais que ha nos nossos clubs: janta ali quem quer, e dizem que bem; depois da meia noite ha uma banca de 30 e 40, que dura até madrugada. O jogo de parar é em sala á parte, em seguida ao bilhar, e não incommoda os que não

gostam daquelles jogos, e do ruido inseparavel delles.

Li os jornaes francezes e vim para casa; bati á porta mais de setenta vezes, mas ninguem me veio abrir. Comecei a crêr que tinha de passar na rua o resto da noite, e confesso que me aborrecia, estando cansado da viagem; porém, neste meio tempo, avistei o *Sereno*, que me veio abrir a porta, dizendo-me repetidas vezes que não era a sua obrigação fazel-o.

—Ó sereno da minha alma, respeitavel e provecto asturiano que annuncias aos habitantes desta boa terra as horas, as meias horas e até os quartos: que sabes todos os segredos da rua, que não ignoras as virtudes e vicios dos moradores della, e que possues a chave de todas as portas; ó homem que vigias, em quanto os outros dormem, e que te deixas pôr de atalaia ao frio e á chuva contra incendios, ladrões, e até contra os namoros, quando não sabem abrandar a condição severa da tua moralidade, pois eu havia de recusar-te o meu óbolo? Descança illustre descendente dos companheiros de *Petaio*, já me andam as *pesetas* aos saltos na algibeira! Tão acostumadas estão a obedecer á tua voz! A *peseta* corre para o sereno, como os rios para o mar.

Em Madrid ha porteiros como em Paris, porém não servem para abrir as portas. Esse encargo pertence aos serenens, a quem ordinariamente os donos

das hospedarias dão um tanto por mez em remuneração. Consta-me porém, que a minha patroa deixou a retribuição do sereno a cargo dos hospedes, e agora já eu entendo e aprovo os protestos do asturiano.

Hoje pela manhã pedi chá. Deram-m'o pessimo. Como os hespanhoes não gostam tanto de chá como os portuguezes, este genero de bebida não tem incentivo para se aperfeiçoar. Ainda não tomei, mesmo em casas particulares, chá de boa qualidade. A comida não me desagrada. O *puchero* já sabem o que é. Os hespanhoes são mui sobrios. Na mesa geral da hospedaria fazem contraste com os francezes e allemães que comem muito, e gostam da comida bem feita. Os guisados em que entra azeite mal clarificado, são insupportaveis.

O vinho que se bebe geralmente é *Val de Penhas*. Tem um gosto adocicado, que me desagrada, e quasi sempre sabe a odre. O Xerez bom é raro nas hospedarias, mas nas casas dos particulares ricos de Madrid encontra-se ás vezes excellente.

Agora vou sahir a ver se está em casa a marquezita, e depois hei de ir ao Prado para observar os elegantes e janotas cá da terra.

IX

Em que se explica porque rasão a marquesita fez tantas confidencias ao autor desta historia—Entra em scena D. Julio de Lovera, e a condessa de Relta—Tem a palavra o sr. Calderon Collantes a respeito dos negocios da Italia.

Madrid 8 de Março de 1861

Encontrei em casa a marquesita. Recebeu-me um criado, que me mandou entrar para a sala, e só depois me perguntou quem eu era. Gostei d'isto. Não sei se em todas as casas de Madrid se recebe assim, mas sei que deste modo devem os criados tratar todos os que procuram seus amos, e assim se faz em França.

Em Portugal são menos amaveis os creados. Não são raros os que deixam as visitas na loja da caza, ou no alto da escada, fechando-lhes a porta na cara em quanto vão dar parte ao amo. Conheço um com-

patriota nosso muito chistoso, que pretende ter descoberto a causa de semelhantes grosserias. É explicação que nos não honra em demasia, porém eu sempre vou referil-a.

Affirma elle que os portuguezes dizem constantemente mal uns dos outros, e como o fazem a cada hora e sem resguardar-se dos creados, estes teem forçosamente em deminuta conta as pessoas estranhas, e por isso as tratam, como lhes parece que ellas merecem.

Não quebro lanças pela theoria do tal sujeito, mas concordo em que fóra de Portugal ha mais polidez nos creados, com quanto tambem lhes não falte nas cazas da nossa terra em que os amos não são descuidadosamente grosseiros ou insolentes.

Esperei dous minutos. Passados elles, abriu-se a porta e appareceu-me M.^{me} de Landstein, uma senhora allemã, muito amiga de minha mulher, e que partira de Pariz havia tres ou quatro mezes para viajar em Hespanha, onde passára os invernos de 1857 e 1858. M.^{me} de Landstein é viuva do conde de Landstein, tem 29 annos e 100 mil francos de renda. A sua delicada saude obriga esta amavel senhora a passar os invernos em Italia ou em Hespanha.

—Admira-se de me vêr aqui, disse ella, dando-me benevolamente a mão. Não é verdade?

—Não me admiro, mas a surpresa seria natural. Cuidei que estivesse para os lados da Andaluzia.

Tinha idéia de que escrevera de Sevilha a minha mulher.

—É verdade. E como está a Julia? Restabelece-se ou não? Realmente, faz muito mal em não passar com ella um inverno em Hespanha ou no seu Portugal.

—Principio a crêr que tem razão, minha senhora. E não terei remedio.

—E a Josefita? Está crescida? Diga. Ande. Conte-me tudo.

—Essa vae cada vez melhor. Ellas estão em Alemanha, e ali se conservarão até ao meu regresso a Pariz.

—Sim?... Olhe. Eu não o quero enganar. Sua mulher escreveu-me ha pouco, e disse-me em que dia o esposo partia para Madrid. E vae eu, mandei-o dizer á marquesita, e tão bem lhe dei os signaes, que ella conheceu-o logo, e por isso lhe contou a historia da sua vida, e o mais que eu já sei.

—Ora essa! Esta Hespanha é a terra das maravilhas e das aventuras.

—E então acha esta má? Cuidou talvez que a marquesita, apenas o viu, ficou possuida de tão viva sympathia, que lhe contou logo toda a sua vida, como se fossem amigos velhos de ha dez annos? E agora, que vê que não fez conquista, pesa-lhe de perder as illusões! Como os homens são vaidosos! Esta hei-de eu mandar dizer á Julia.

—Ó minha senhora, pelo amor de Deus, faça me-

lhor idéa d'este avô! Pois eu sonhei lá em andar a conquistar marquesas nas planicies da Castella Velha, como quem caça lebres! Veja se me quer fazer D. Quixote d'esta Dulcinea.

—E estou vendo que empregava mal o seu tempo! Isso é vaidade por outro feitio. Então, se não cuidou que era conquista, que juizo fez das confidencias da minha amiga?

—Eu nem tive tempo para pensar nesta aventura. A idade, o trabalho e uma certa indiferença pelas cousas deste mundo, de que já me accusou em Paris, teem feito demorada e tardia a minha imaginação. Posso dizer-lhe que não pensei na minha conversação com a marquesita senão hoje, quando vinha para casa d'ella.

—E então que pensou! Diga antes que ella venha.

—Eu pensei que era excellente pessoa, dotada de um desembaraço verdadeiramente hespanhol, e com sentimentos muito elevados. Confesso-lhe que cheguei a dizer commigo mesmo que devia ter sido mais reservado em acceitar a missão que ella me offereceu, porém não pude resistir á admiração que me causou a delicadesa dos seus sentimentos.

—Pois não se arrependa. Um homem não pôde recusar-se a fortalecer as boas intenções de uma senhora, e as da marquesita são...

—As melhores possiveis, continuou a marquezia.

entrando na sala a rir-se, e estendendo-me graciosamente a mão.

Feitos os devidos cumprimentos, perguntei pelo sr. D. Julio. Disseram-me que estava no Congresso, onde se discutia a questão da Italia. Em seguida resolveram ir assistir á discussão, e convidaram-me a acompanhal-as. Anui com prazer.

Retiraram-se ambas para completarem a *toilette*, e voltaram, a marquesa com a mantilha hespanhola, e M.^{me} de Landstein de chapéo, porque, dizia ella, que ainda se não julgava bastante naturalisada para trazer mantilha. A carruagem que estava á porta levou-nos ao Congresso. Entramos pela porta que leva á galeria do corpo diplomatico, na qual conseguimos achar logares.

Ali encontramos o sr. D. Julio. É um moço alto, magro, de apparencia triste, um pouco pallido, e para avarento vestido com um certo esmero. A irmã fez as devidas apresentações, e, depois de trocarmos algumas phrases polidas, que são de rigor em taes circumstancias, cada um de nós procurou o lugar que mais lhe convinha. D. Julio sentou-se atraz de M.^{me} de Landstein e eu sentei-me atraz da marquesita e de outra senhora, com quem ella conversava com intimidade.

—Vou apresental-o a uma das minhas melhores amigas, disse a marquesa, voltando-se para mim. É a senhora condessa de Relta.

Levantei-me, fiz a minha reverencia muito pro-

funda, e murmurei as palavras do estylo. A condessa voltou-se um pouco na cadeira, e disse-me:

—Estimo muito fazer o seu conhecimento. Com duas fiadoras como a marquesita e a condessa de Landstein, poupa quatro ou cinco annos de caravanas, porque eu não sou facil em acreditar no merito das pessoas que não conheço. Dou-lhe, pois, metade das provas por feitas, mas agora é necessario o resto, e para isso cumpre que eu o veja a miudo.

—A tanta bondade mal posso responder.

—Não responda; justifique o que me disseram a seu respeito, e eu dou-me por satisfeita.

A voz do sr. Calderon Collantes cortou este cruzar de cumprimentos, que é para mim a mais difficil e semsaborona de todas as obrigações sociaes.

Eu creio que o sr. D. Saturnino Calderon Collantes fallou admiravelmente. Posso, porém, affirmar que na tribuna diplomatica se não ouvia uma palavra. As tribunas são muito elevadas, e a sala do Congresso não me parece conforme com as exigencias da acustica. A presença do corpo diplomatico na tribuna era cortezia; curiosidade não podia ser, porque se não ouvia o que dizia o ministro.

Na presidencia estava o sr. Martinez de la Roza, que eu já conhecia desde o Congresso Estatistico de 1855, e nos bancos fronteiros á tribuna vi os srs. D. Salustiano Olosaga e Gonzales Brabo, que Portugal inteiro conhece de vista, de trato ou de reputação. A affluencia de curiosos era numerosissi-

ma, porque no dia antecedente tinha havido ali scenas tempestuosas entre o sr. Sagasta e o ministerio.

São frequentes nas assembléas dos povos meridionaes estas discussões acaloradas. Felizmente parecem-se com o ferver e espumar do vinho de champagne. Alguns minutos depois nem já vestigios restam da tempestade anterior. Se assim não fosse, metade dos membros do parlamento morria em duello ás mãos da outra metade.

Vamos a vêr se o discurso do sr. Calderon Colantes servirá de excitante ou se pacificará as paixões de vespera.

X
Relampago politico—Cervantes e os cavallos de Filipe III e de Filipe IV—Do Congresso ao Prado—O sr. Ferrer do Couto, e o habito de Santiago—De como a Fuente Castellana rivalisa com os campos Elyseos de Paris.

Madrid 10 do março de 1861.

Fallou bem o ministro. Na defesa de uma causa politica perdida, mostrou talento, habilidade e destreza. Eu, que nem sou ministro nem diplomatico, posso dizer a minha opinião com plena liberdade, e approvar o discurso sem concordar nas idéas.

Na verdade, sustentar a efficacia e oportunidade das idéas de progresso e de liberdade, e defender os principios que teem a seu favor hoje governos e povos, é tarefa bem mais facil do que arrostar a impopularidade das opiniões contrarias a estas. Por isso, eu gostei da audacia e esperteza com que o sr. Calderon Collantes soube tirar-se d'este passo difficil, apesar da incontestavel força e capacidade de

Olosaga, de Gonzales Brabo, e de outros adversarios de grande importancia.

Esta discussão no Congresso hespanhol hade consolar no exilio o jov en Francisco II, o pequeno duque Roberto de Parma, os principes que reinaram na Toscana e em Modena, e toda a côrte de Roma. Ditosa consolação, que contenta e satisfaz as victimas sem perturbar a paz dos sacrificadores!

Talvez a alguns pareça que é perdida tanta eloquencia ácerca de factos consummados, que a Hespanha não tenciona destruir. É um erro. Nunca é perdida a occasião de dar a palavra a um povo do meio-dia. Se o não deixassem fallar á sua vontade, Deus sabe o que meditaria. Estas discussões, que parecem estereis, são poderosos derivativos com que o corpo social melhora das suas enfermidades.

Sahimos do Congresso antes de se fechar a sessão. Na galeria diplomatiea ouvia-se mal, e fazia um calor insupportavel. Como ainda era cedo, resolveram as senhoras descer ao chamado salão do Prado a pé, e ali entrarem nas carruagens para irem até á *Fuente Castellana*, elevada hoje á cathegoria de *Campos Elysios* de Madrid.

Defronte do palacio do congresso ha uma pequena praça irregular, e em declive. Nella collocaram a estatua de Cervantes no centro de um jardim. Tudo em miniatura, praça, jardim e estatua. Tambem o illustre author do «D. Quixote» não carecia de uma estatua do tamanho do cavallo de Fi-

lippe III, que está na *Praça Maior*, ou do cavallo de Filippe IV, que se vê na *Praça do Oriente*. Bem basta a Cervantes a grandesa do seu nome.

O palacio do Congresso é obra moderna. Levou sete annos a construir, e serviu pela primeira vez em 1850. No sitio em que foi edificado, estava antes o convento do Espirito Santo. N'elle se celebravam as sessões dos deputados desde 1834; porém, vindo a arruinar-se o edificio, os representantes do povo tiveram que reunir-se no salão do theatro real, onde ficaram até á conclusão da nova casa.

A idéa primitiva de collocar a assembléa electiva hespanhola sob a protecção do Espirito Santo, era digna d'esta nação catholica. Oxalá que a terceira pessoa da Santissima Trindade tivesse inspirado sempre os eleitos do povo!

A nova casa dos deputados tem uma elegante fachada, e é obra do sr. D. Narciso Pascual y Colomer, casado com a sr.^a Campuzano, que esteve em Lisboa, quando ali era ministro de Hespanha Alcalá Galiano.

Descendo para o Prado, vê-se á direita o faustoso palacio dos duques de Medinaceli, e á esquerda a casa do duque de Villa Hermosa, que o sr. D. João VI fez conde, por ser este grande de Hespanha descendente de um dos filhos de D. Ignez de Castro.

Os duques de Medinaceli vivem em Madrid com grande apparatus, e d'aqui a alguns dias vão dar um baile *costumé*, que traz ha mais de um mez esta

boa cidade em trabalhosas fadigas. A sr.^a duqueza exige que todos vão em *costume*, e apenas permite aos homens de 50 annos que levem *dominó*, mas de côr. Será uma festa digna da dona da casa, e sumptuosa como o pede a riqueza d'esta terra.

Os duques de Medinaceli são sete vezes duques, doze vezes marquezês, doze vezes condes, e tres vezes viscondes. Cada grande de Hespanha é um armazem de titulos, pelos quaes paga, na occasião da successão, sommas enormes ao estado. O duquê de Ossuna, que é nove vezes duque, onze vezes marquez, dez vezes conde, e uma vez visconde, pagou, quando succedeu ao irmão, oitocentos mil francos ao thesouro! Se não pagam dentro de dois annos, perdem os titulos.

As filhas dos grandes de Hespanha recebem dos paes um d'esses titulos, que pelo casamento passa immediatamente ao marido. Sómente quando ellas morrem, o viuvo deve juntar ao titulo esta designação que indica a origem d'elle. Assim, o homem que assigna duque ou conde *viuvo*, é por que recebeu o titulo da mulher.

Estas prerogativas e regalias estão em uso, como antes do governo constitucional, e o povo hespanhol não vê com ciúme a grandesa, antes a respeita e venera. Um grande de Hespanha de 1.^a classe é ainda uma entidade séria aos olhos de um hespanhol. O prestigio da alta nobresa influe nas outras classes, como a realza prepondera sobre os pensa-